

Imperialismo, capitalismo dependiente e luta de classes na produção teórica de Florestan Fernandes entre 1966-1975.

Mariana Conti.

Cita:

Mariana Conti (2017). *Imperialismo, capitalismo dependiente e luta de classes na produção teórica de Florestan Fernandes entre 1966-1975. XXXI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Montevideo.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-018/2256>



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Imperialismo, Capitalismo Dependente e Luta de Classes na produção teórica de Florestan
Fernandes entre 1966-1975.

Mariana Conti

nanapsol@gmail.com

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP/SP – Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

Esta pesquisa analisou a questão do *imperialismo* na produção teórica do sociólogo brasileiro Florestan Fernandes no período entre 1966-1975. Inserido no debate sobre as condições, possibilidades e limitações de superação do *subdesenvolvimento* no Brasil, Florestan Fernandes desenvolveu uma crítica ao padrão de modernização próprio do capitalismo dependente. A perspectiva crítica elaborada pelo autor recusa a possibilidade de um desenvolvimento capitalista autônomo e democrático em um contexto de avanço do capital monopolista e do imperialismo estadunidense. Nesse sentido, Florestan Fernandes passa a refletir sobre a emancipação dos pobres e oprimidos como um processo de revolução necessariamente anticapitalista e antiburguês.

Florestan Fernandes, Imperialismo, Luta de Classes

ABSTRACT

This research analyzed the issue associated to the imperialism as referred in the theoretical production of Florestan Fernandes in the period of 1966 to 1975. Florestan Fernandes presents a critique inserted on the national debate on the conditions, possibilities and limitations to overcome the underdevelopment in Brazil in which he considers the adopted modernization pattern to be a characteristic of dependent capitalism. Florestan refuses the possibility of an independent and democratic capitalistic development in the context of the advance of monopoly capitalism and the US imperialism, reflecting on the emancipation of the poor and oppressed as revolution process exhibiting an obvious anticapitalistic as well as antibourgeois character.

Florestan Fernandes, imperialism, class struggle



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Este artigo apresenta os resultados obtidos em pesquisa desenvolvida na elaboração da dissertação de mestrado da autora junto à Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). O principal objetivo do trabalho foi apresentar uma possível leitura da obra de Florestan Fernandes nas décadas de 1960 e 1970, tendo em vista percorrer a construção do pensamento do autor e o movimento interno à sua teoria no contexto de sua inserção no debate teórico-político da época.

A produção de Florestan Fernandes está inserida no debate sobre o desenvolvimento nacional, predominante nos círculos intelectuais e institucionais nas décadas de 1950 e 1960. O *desenvolvimentismo*, denominação genérica para diferentes correntes do pensamento, se pautava na ideia comum de superação do subdesenvolvimento por meio da intensificação do crescimento econômico e da industrialização, tendo como suporte fundamental a ação estatal planejada. O Estado ganha um papel de destaque como peça-chave de unificação das classes sociais, com claro protagonismo da burguesia nacional. Entre as matrizes teóricas e institucionais que podemos considerar nesse arcabouço desenvolvimentista estão as do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), a da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) e a do Partido Comunista Brasileiro (PCB) (Ridenti, 2009-2010).

A questão do desenvolvimento se torna também o eixo das preocupações do grupo de pesquisadores ligados ao Centro de Sociologia Industrial (CESIT) da Universidade de São Paulo (USP), sob a coordenação de Florestan Fernandes. O grupo trazia como marca a análise das relações sociais e suas particularidades na formação histórica da sociedade brasileira, claramente influenciada por pesquisas precedentes sobre o preconceito racial no Brasil, e procurava se distanciar do desenvolvimentismo e do nacional-populismo (Arruda, 1995). No centro da crítica está a discordância em relação à tese do *dualismo* que não vislumbra as descontinuidades entre o atrasado e o moderno como elementos articulados e próprios das sociedades capitalistas de origem colonial.

O golpe civil-militar de 1964 interrompeu esse debate e derrotou as esperanças desenvolvimentistas. Nesse contexto, é possível identificar um processo de “radicalização” em Florestan Fernandes, tanto do ponto de vista teórico-metodológico pela presença cada vez mais marcante do marxismo como base teórica e analítica, quanto do ponto de vista das suas conclusões. O autor concebe o *imperialismo* não apenas como uma relação de dominação entre nações, mas como uma relação de poder sustentada pela articulação entre as burguesias externas e internas na defesa de seus interesses de classe. Nesse sentido, o golpe de 1964 foi a opção da burguesia interna pela inserção subordinada aos dinamismos do capital monopolista. O Estado se torna “um bastião de autodefesa e ataque” da burguesia interna contra o que Florestan caracteriza como “dupla polarização”, isto é, pressões por mudanças sociais advindas “de baixo”, a partir das classes trabalhadoras, e as pressões exercidas de fora pelo capital externo, denominado por ele como o “perigoso companheiro de rota”. Dessa forma, a burguesia dependente negocia os termos da dependência com o capitalismo monopolista e seu poder de barganha se sustenta exatamente no controle econômico e político das classes trabalhadoras sob um regime de superexploração (Fernandes, 2006).

Segundo Florestan, enquanto vigorou um padrão de dominação, denominado pelo autor como *imperialismo restrito*, as burguesias dependentes tentavam explorar uma espécie de



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

“miniatura do modelo europeu de revolução burguesa”, o que era possível devido ao contexto de concorrência interimperialista. Após a Segunda Guerra Mundial, com a consolidação da liderança exclusiva estadunidense, o padrão de dominação adquire um caráter de *imperialismo total*, isto é, as empresas corporativas se apoderam das posições de liderança dos mercados nacionais e a dominação externa passa a se organizar a partir de dentro. As conclusões são contundentes: a burguesia dependente é incapaz de oferecer uma transição para um capitalismo autônomo e democrático; a revolução burguesa nas sociedades dependentes se realiza como contrarrevolução; as mudanças sociais de cunho progressista sofrem um deslocamento definitivo para as classes trabalhadoras e só podem se realizar como revolução anticapitalista e antiburguesa (Fernandes, 2009).

Observamos, portanto, um movimento interno na teoria de Florestan Fernandes, qual seja a elaboração da sua crítica à perspectiva da modernização capitalista como caminho possível de superação da dependência e da segregação social nas sociedades de capitalismo dependente. Nesse movimento de construção do pensamento do autor, a compreensão do imperialismo como uma articulação burguesa é fundamental para definição do papel histórico da burguesia interna e das possibilidades históricas de transformação social na periferia do mundo capitalista (Conti, 2015).

Bibliografia:

Arruda, M. A. A sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a “escola de sociologia paulista”. In: Miceli, S. (org.) *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Editora Sumaré, 1995, pp. 109-231.

Conti, M. *Florestan Fernandes: imperialismo e luta de classes na era do capital monopolista*. Campinas, 2015. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade de Campinas (IFCH/UNICAMP), Campinas, 2015.

Ridenti, M. *Desenvolvimentismo: o Retorno*. Revista Espaço Acadêmico. Paraná, nº92, Jan/2009.

_____. *Vinte anos após a queda do muro: a reencarnação do desenvolvimentismo no Brasil*. Revista da USP, São Paulo, nº 84, dezembro/fevereiro 2009-2010, p.50-57.

Fernandes, F. *Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento*. São Paulo: Editora Global, 2008 [1968].

_____. *Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina*. São Paulo: Editora Global, 2009 [1973].

_____. *A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. São Paulo: Editora Globo, 2006 [1975].